



CONGRÈS
INTERNATIONAL

MONDES INDIGÈNES, EUROPE - FRANCE

Patrimoine Culturel
Art et Littérature

Programme et Resumés

25-26 NOVEMBRE
2024

MAISON DE LA RECHERCHE, 4
RUE DES IRLANDAIS, PARIS 5^E

M^o: LUXEMBOURG - SALLE ATHÈNA - 9:00 - 18:00



EL COLEGIO DE AMÉRICA



AHA



Universidade Federal de Campina Grande
Pós-Graduação em História
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Institut de Recherche
pour le Développement
FRANCE



RÉPUBLIQUE
FRANÇAISE

Liberté
Égalité
Fraternité



V CONGRESSO INTERNACIONAL MUNDOS INDÍGENAS – FRANÇA 2024
V CONGRÈS INTERNATIONAL MONDES INDIGÈNES – FRANCE 2024

25 et 26 NOVEMBRE 2024

Maison de la Recherche
4 Rue des Irlandais
75005 Paris

Notice bibliographique

Ve CONGRÈS INTERNATIONAL MONDES INDIGÈNES France : Programme et résumés
Patrimoine Culturel, Art et Littérature
Brigitte Thiérion / Egídia Souto/ Pascale de Robert/ /Juciene Ricarte Cardoso, (Orgs.). – Paris,
France, 2024.

1. Patrimoine Culturel. 2. Art. 3. Littérature. 4. Éducation. 5. Langues

INSTITUTIONS D'ACCUEIL

Université Sorbonne Nouvelle, Centre de recherches sur les pays Lusophones - CREPAL
Institut de Recherche pour le Développement, Patrimoines Locaux - PALOC

PARTENAIRES

Instituto de História da Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia, Polônia
Centro de Humanidades - CHAM, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
Universidade Pablo Olavide, Sevilha, Espanha
Programa de Pós-Graduação em História, PPGH/UFCG, Campina Grande, Brasil
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFT, Palmas, Brasil

COORDINATION DU V COIMI – 2024 – FRANCE

Brigitte Thiérion CREPAL/ Université Sorbonne Nouvelle
Egídia Souto CREPAL/ Université Sorbonne Nouvelle
Pascale de Robert / PALOC / IRD
Juciene Ricarte Cardoso, Programa de Pós-Graduação em História - PPGH/UFCG,
PPGE-UFT, Brasil, CREPAL – Université Sorbonne Nouvelle, França e CHAM/UNL,
Portugal

COMMISSION SCIENTIFIQUE

Ana Catarina Garcia, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa
Agata Błoch, Instituto de História da Academia Polonesa de Ciências, Polônia
Brigitte Thiérion, CREPAL – Université Sorbonne Nouvelle, França
Carlos Benittes, Universidade de Salamanca, Espanha
Célia Tupinambá, Brasil
Cristina Brito, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa
Daniel Santana Potiguara, UFPB, OPIP, Brasil
Demival Vasques, Universidade de Luxemburgo, Luxemburgo
Egídia Souto, CREPAL/Université Sorbonne Nouvelle, França
João Paulo de Oliveira e Costa, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa
Jocyléia Santana dos Santos, Universidade Federal do Tocantins, Brasil
Joëlle le Marec, Museum national d'Histoire naturelle, France
José Otávio de Aguiar, Programa de Pós-Graduação em História-PPGH, UFCG, Brasil
Maria Adelina Amorim, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa
Maria de Lourdes Beldi de Alcântara, Universidade de São Paulo, Brasil
Nayibe Gutierrez Montoya, Centro de Investigaciones Jauja sobre el Área Andina, Perú
Pablo Ibáñez-Bonillo, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa
Pascale de Robert, Institut de Recherche pour le Développement – PALOC/IRD, França
Rita Gomes Nascimento Potiguara, Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
(Flacso), Brasil
Sandra Taborda, Universidade Pablo de Olavide, Espanha
Vanessa Brandão Wapichana, UNESP, Brasil

SOMMAIRE

PRÉSENTATION/ APRESENTAÇÃO

PROGRAMME / PROGRAMAÇÃO

Table 1 : OCARA : OBJETS (EN)QUETE DE (RE)CONNAISSANCE
OCARA: objetos em busca de (re)conhecimento

Table 2 : DE SUJEITOS A AUTORES: LITERATURAS E ARTES INDÍGENAS

Sujets puis auteurs : littératures et arts autochtones

Table 3 : EDUCAÇÃO INDÍGENA, ESCOLARIZAÇÃO, SABERES ANCESTRAIS E LUTAS ATUAIS

Éducation autochtone, scolarisation, savoirs ancestraux et luttes actuelles

- La mémoire de la mangrove de Giulia Grossman
(Court métrage- curta-metragem)
- La mangrove potiguara, lieu de subsistance et d'enchantement
(Roda de conversa/ discussion)

Table 4 : PRÁTICAS CULTURAIS, TERRITORIALIDADE E PATRIMÔNIOS
Pratiques culturelles, territorialité et patrimoines

Table 5 : POUR UNE HISTOIRE DÉCOLONIALE : LEÇONS DE GUYANE
Para uma história decolonial: lições da Guiana

Table 6 : LANGUES QUI CHANTENT, INSTRUMENTS QUI PARLENT, DESSINS QUI RESONNENT

Línguas que cantam, instrumentos que falam, desenhos que ressoam

Table 7 : RETOMADAS: LÍNGUA, MUSEU, PATRIMÔNIO
“Retomadas” : langue, musée, patrimoine

SYNTHÈSE - ENCERRAMENTO

Pot de clôture - Brinde à amizade

RÉSUMÉS - RESUMOS

BIOGRAPHIES - BIOGRAFIAS

TABLE DES MATIERES – ÍNDEX

PRÉSENTATION

Le Congrès international Mondes indigènes (COIMI) est un événement biannuel créé dans le cadre du Séminaire permanent sur les Mondes Autochtones - Abya Yala (SEPMIAI) au Centre des Sciences Humaines (CHAM / NOVA FCSH-UAC), à l'Université Nova de Lisbonne (Portugal), en collaboration avec l'Université Fédérale de Campina Grande, Paraíba (Brésil), les 27 et 28 avril 2015. En 2017, le groupe SEPMIAI/CHAM-UNL a organisé le IIe COIMI avec le soutien de l'Université Pablo Olavide, Séville (Espagne), puis en 2019 et 2022, nous l'avons également organisé avec l'Université Sorbonne Nouvelle, Paris (France). En 2024, le Ve COIMI se tiendra en France, sur le thème : Patrimoine culturel, art et littérature à la Maison de la Recherche de la Sorbonne Nouvelle, Paris (France), les 25 et 26 novembre 2024.

Le COIMI est un espace qui vise à construire un plus grand réseau de collaboration au niveau national et international pour débattre de questions liées aux peuples autochtones d'Amérique d'hier et d'aujourd'hui. Le Ve COIMI - Europe a pour objectif d'amplifier les dialogues entre chercheurs autochtones et non autochtones afin de participer à la construction de nouvelles voies épistémologiques, historiques, documentaires, anthropologiques et éducatives, parmi d'autres thèmes interdisciplinaires.

APRESENTAÇÃO

O Congresso Internacional Mundos Indígenas (COIMI) é um evento bianual e foi criado no âmbito do Seminário Permanente Mundos Indígenas – Abya Yala (SEPMIAI) no Centro de Humanidades (CHAM / NOVA FCSH–UAC) na Universidade Nova de Lisboa, Portugal, junto com a Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, entre os dias 27 e 28 de abril de 2015. Em 2017, o grupo SEPMIAI/CHAM-UNL executou o II COIMI, com o apoio da Universidade Pablo Olavide, Sevilha, Espanha, e em 2019 e 2022 passamos a executar também com a Universidade da Sorbonne Nouvelle, Paris, França. Nesse ano de 2024, realizaremos o V COIMI, França com o tema: Patrimônio cultural, arte e literatura. Local: Sorbonne Nouvelle, Paris – França, 25 e 26/11/2024.

O COIMI é um espaço para se construir uma maior rede colaborativa em âmbitos nacional e internacional para as discussões sobre temas vinculados aos povos indígenas da América no passado e no presente. O V COIMI – Europa pretende-se ampliar diálogos entre investigadores indígenas e não indígenas para que se possa construir possibilidades de novos caminhos epistemológicos, históricos, documentais, antropológicos, educacionais, entre outros temas interdisciplinares.

LUNDI 25 NOVEMBRE / Segunda feira, 25 de novembro

9:00

Recepção dos participantes /Accueil des participants

9:30

Abertura do V COIMI França / Ouverture du Ve COIMI France

Ritual dos povos indígenas presentes / Rituel des représentants autochtones présents

9:45

Introduction/ Introdução

Capucine Boidin Caravias, Vice-présidente de la Recherche, IHEAL- CREDA, USN

10:00 – 11:30

Table 1 : OCARA : OBJETS (EN)QUÊTE DE (RE)CONNAISSANCE

OCARA: objetos em busca de (re)conhecimento

Coordenadora/ modératrice : Juciene Ricarte Cardoso, PPGH-UFCG, PPGE-UFT/
CREPAL, USN, França

- Códigos ocultos: o inconsciente dos corpos textos nas imagens dos Tupinambá – séculos XVI a XVIII / Codes occultes: l'inconscient des corps-textes dans les images des Tupinambá – XVI^e et XVII^e siècles
Glicéria Tupinambá, artista e liderança Tupinambá, Doutoranda do Museu Nacional do Rio de Janeiro
- Histoire de capes et d'espées. À propos de deux objets tupinambas du musée du quai Branly / História de capas e espadas. A respeito de dois objetos tupinambás do museu do Quai Branly
André Delpuech, Conservateur général du Patrimoine, chercheur au Centre Alexandre Koyré (EHESS – CNRS – MNHN)
- Le projet OCARA Massue, France : perspectives « éclairantes », (en)quête pour une meilleure lisibilité / Projeto OCARA borduna, França: perspectivas « esclarecedoras », inquérito para uma melhor legibilidade
Brigitte Thiérion, USN/ CREPAL ; Pascale de Robert, PALOC/ IRD ; Egídia Souto, USN/ CREPAL ; Anne Michelin, CRC/ MNHN ; Aurélie Tournié, CRC/MNHN

Almoço – Déjeuner

Lundi 25 Novembre

14:00 – 15:10

Table 2 : DE SUJEITOS A AUTORES: LITERATURAS E ARTES INDÍGENAS

Sujets puis auteurs : littératures et arts autochtones

Coordenadora/ modératrice : Brigitte Thiérior, CREPAL, USN

- Iracema: o indigenismo na construção do imaginário no Brasil
Rosilene Dias Montenegro, PPGH-UFCG, Brasil
- Literaturas Macuxi, Wapichana e Wai Wai em Roraima: referências culturais que revelam os mundos desses povos indígenas.
Ananda Machado, UFRR, Brasil
- Arte e ativismo Makuxi: armadilhas criativas de Jaider Esbell, o neto de Makunaima
Vanessa Brandão, Doutoranda em Estudos Literários, Unesp / Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil
Discussion

Pausa – Pause-café

15:30 - 17:00

Table 3 : EDUCAÇÃO INDÍGENA, ESCOLARIZAÇÃO, EDUCAÇÃO, SABERES ANCESTRAIS E LUTAS ATUAIS

Éducation autochtone, scolarisation, savoirs ancestraux et luttes actuelles

Coordenadoras/ modératrices : Floriza Maria Sena Fernandes, UNEB, Brasil

Jéssica Silva de Quadros, Bacharel em Direito, UniFTC, Brasil

- Narrativas dos professores javaé: análise dos processos educativos na educação escolar indígena na aldeia Canuanã
Graciene Reis de Sousa, Instituto Federal do Tocantins-IFTO, Brasil
- Educação escolar indígena no Tocantins: valorização do patrimônio imaterial indígena
Adriana da Costa Pereira Aguiar – UFT, Brasil
- Retos y usos de la escolarización en Amazonia peruana: el caso matsigenka
Raphaël Colliaux, IFEA Lima, Pérou
- *Oré rogwatá*: A luta dos povos indígenas contra a inconstitucionalidade do Marco Temporal.
Juliana Tupinambá, doutoranda em Antropologia social, UNB, Brasil
Discussion

17:10

La mémoire de la mangrove / Memória do mangue
Curta metragem / court-métrage

Giulia Grossman, cinéaste

Recherche cinématographique en cours : projection d'images du projet

Pesquisa cinematográfica em andamento: projeção de imagens do projeto

17:40

O manguezal Potiguara, lugar de sustento e de encanto

La mangrove potiguara, lieu de subsistance et d'enchantement

Roda de conversa / discussion

mediada por Pedro Junger, ecólogo, pós-doutorando, Institut de Biologie de l'École Normale Supérieure (IBENS/CNRS)

com a participação de Giulia Grosmann, realizadora;
Daniel Potiguara; Joana Potiguara, representantes Potiguara;
Renata Freitas Machado, antropóloga, pós-doutoranda, Centre des Politiques de la Terre et de la Cité du Genre (Université Paris Cité).

MARDI 26 NOVEMBRE 2024/ Terça feira, 26 de novembro

9:30 -11:00

Table 4 : PRÁTICAS CULTURAIS TERRITORIALIDADES E PATRIMÔNIOS

Pratiques culturelles, territorialités et patrimoines

Coordenador/ modérateur : Pedro Daniel dos Santos Souza,
UNEB, Brasil

- Ação, saberes indígenas, povo potiguara: novas territorialidades na relação com a natureza e a ancestralidade
Daniel Santana Potiguara, UFPB, Brasil, Joana Potiguara, OPIP, Brasil
- Mundo indígena Krahô em Itacajá, Tocantins: suas músicas enquanto patrimônio cultural imaterial
Jocyléia Santana dos Santos, PPGE-UFT, Brasil
- Ação, saberes indígenas e a valorização do patrimônio cultural ancestral
Floriza Maria Sena Fernandes, UNEB, Brasil
- Preservação de sementes e técnicas de cultivo indígena dos cultivares crioulos de milho no Brasil: um patrimônio cultural transmitido e uma herança supervisionada
José Otávio Aguiar, PPG-Gestão em Recursos Naturais-UFCG e PPGH-UFCG, Brasil

Discussion

Pausa – Pause-café

11:15 - 12:30

Table 5 : POUR UNE HISTOIRE DECOLONIALE : LEÇONS DE GUYANE

Para uma história decolonial: lições da Guiana

Coordenadora/ modératrice : Egidia Souto, CREPAL, USN, France

- Retrouver sa Juste Place : *Kopikon wanomé*, pour nos Ancêtres
Corinne Toka-Devilliers, Présidente de l'Association Mol'ko Alet + Po
- *Nana Iñonoli, Nana kinipinanon iyombo Nana isheman* : notre Terre, nous l'aimons et nous la voulons
Yuwey Henri, poète Kali'na de Guyane
- *Énétego iwa ségalidiu sémin owañin...* Laissez-moi vous raconter...
Keywa Henri, plasticienne Kali'na de Guyane

Discussion

Almoço – Déjeuner

14:00 - 15:30

Table 6 : LANGUES QUI CHANTENT, INSTRUMENTS QUI PARLENT, DESSINS QUI RESONNENT

Línguas que cantam, instrumentos que falam, desenhos que ressoam

Coordenadora/ modératrice : Pascale de Robert, PALOC/ IRD, France

- Parler, chanter, charmer avec des instruments de musique
Julien Meyer, chercheur en Sciences du Langage (GIPSA-Lab/Université Grenoble Alpes)
- Frontières musicales
Philippe Kadosch, compositeur
- *Rupestres Sonoros* com Mawaca : Intersecções entre música e arqueologia
Magda Dourado Pucci, musicista, antropóloga, pesquisadora de músicas do mundo e das musicalidades indígenas
- *Amoha hi*, l'Arbre des chants : genèse et fonction des chants dans la culture yanomami
Marie-Claude Mattei Müller, ethnolinguiste

Discussion

Pausa – Pause-café

15:40 - 16:50

Table 7 : RETOMADAS: LÍNGUA, MUSEU, PATRIMÔNIO

“Retomadas” : langue, musée, patrimoine

Coordenadora/ modératrice : Brigitte Thiérion, CREPAL, USN

- Documentação e retomada das línguas indígenas do Norte e Oeste da Bahia: caminhos percorridos
Pedro Daniel dos Santos Souza, UNEB, Brasil
- Patrimonio material, usos y abusos. Procesos para la recuperación del patrimonio material colombiano
Nayibe Gutierrez Montoya, Centro de Investigaciones Jauja sobre el Área Andina, Perú
- Legado sagrado: “El origen” costumbres y tradición. Sierra Nevada de Santa Marta
Tatiana Mahecha, Universidad Sergio Arboleda, Bogotá, Colombia

Discussion

17:00

INSTITUTIONS UNIVERSITAIRES, INSTITUTIONS PATRIMONIALES : PASSAGES DES SAVOIRS

Instituições acadêmicas, instituições patrimoniais: passagens dos saberes

Joëlle le Marec, PALOC/ MNHN

ENCERRAMENTO - SYNTHÈSE

Pot de clôture

autour de l'exposition *Legado Sagrado* de Tatiana Mahecha

Brinde à amizade

entorno da exposição *Legado Sagrado* de Tatiana Mahecha

RÉSUMÉS / RESUMOS

LUNDI 25 NOVEMBRE

10:00 – 11:30

Table 1 : OCARA : Objets (en)quête de (re)connaissance

OCARA: objetos em busca de (re)conhecimento

Coordenadora/ modératrice : Juciene Ricarte Cardoso, PPGH-UFCG, PPGE-UFT/
CREPAL, USN, França

1. Códigos ocultos: o inconsciente dos corpos textos nas imagens dos Tupinambá – séculos XVI a XVIII

Glicéria Tupinambá, artista e liderança Tupinambá,
Doutoranda do Museu Nacional do Rio de Janeiro

As gravuras dos primeiros contatos, minuciosamente detalhadas pelos pintores viajantes, a partir do século XVII, permitem recriar parte da realidade que lhes serviu de modelo: cenas da vida cotidiana ou de rituais. A análise atenta das representações dos povos Tupinambás, revela a presença ativa de informantes nativos, que podem ser considerados coautores dessas criações.

O mesmo acontece com os textos dos viajantes e cronistas. Eles incorporam fragmentos de diálogos, dando a ver a participação dos povos encontrados no processo criativo. Podemos falar de coautoria para qualificar estes colaboradores. Esta noção pode ser ampliada aos elementos da terra. Em primeiro lugar, à semente, que gera o conhecimento transmitido de um indivíduo para outro, de uma geração para outra. Esta cadeia criativa conduz a uma realização coletiva, como a fabricação de cada elemento do Manto.

Este processo não se limita aos aspectos técnicos, mas engloba também os aspectos morais, como componentes importantes do processo criativo. Esta autoria coletiva, que é fruto de um saber ancestral, constitui a autoridade que assumo na construção de uma narrativa.

Codes occultes : l'inconscient des corps-textes dans les images des Tupinambá – XVIe et XVIIe siècles

Les gravures des premiers contacts, minutieusement détaillées par les peintres voyageurs à partir du XVIIe siècle, permettent de recréer en partie la réalité qui leur a servi de modèle : des scènes de la vie quotidienne ou des rituels. L'analyse attentive des représentations des Tupinambá révèle la présence active d'informateurs autochtones, qui peuvent être considérés comme les co-auteurs de ces créations.

Il en va de même pour les textes des voyageurs et des chroniqueurs, qui rapportent des bribes de dialogues, révélant ainsi la participation des peuples rencontrés au processus créatif. Nous pouvons parler de coauteurs pour qualifier ces collaborateurs. Cette notion peut s'étendre aux éléments de la terre. Tout d'abord, à la graine, qui engendre la connaissance, qui se transmet d'un individu à l'autre, d'une génération à l'autre. Cette chaîne créative permet d'aboutir à une réalisation collective, comme la fabrication de chaque élément de la Cape.

Ce processus ne se limite pas aux aspects techniques, il englobe également les aspects moraux, comme des composantes importantes du processus créatif. Cette autorité collective, qui découle d'un savoir ancestral, constitue l'autorité que j'assume dans la construction d'un récit.

2 Histoire de capes et d'espées. À propos de deux objets tupinamba du musée du quai Branly

André Delpuech, Conservateur général du patrimoine,
Chercheur au Centre Alexandre Koyré (EHESS – CNRS – MNHN)

Le musée du quai Branly-Jacques Chirac conserve deux objets provenant des Tupinambas du Brésil datés du 16^e siècle. De nouvelles études d'archives permettent de reconstituer en partie l'itinéraire de ces deux pièces comptant parmi les plus anciennes entrées en France. De récentes analyses confirment les datations et l'origine de la cape de plumes et de la massue. L'exposé abordera également la question des échanges entre les groupes autochtones et les premiers conquérants européens.

História de capas e espadas. A respeito de dois objetos tupinambás do museu do quai Branly

O Museu do Quai Branly-Jacques Chirac possui dois objetos dos Tupinambá do Brasil, datados do século XVI. Novos estudos de arquivo permitiram reconstruir parte do itinerário desses dois itens, que estão entre as mais antigas entradas na França. Análises recentes confirmam a datação e a origem do manto de penas e da borduna. A apresentação também abordará a questão dos intercâmbios entre os grupos autóctones e os primeiros conquistadores europeus.

3 Le projet Ocara Massue, France : perspectives « éclairantes », (en)quête pour une meilleure lisibilité

Brigitte Thiérier, USN/ CREPAL ; Pascale de Robert, PALOC/ IRD ; Egídia Souto, USN/ CREPAL ; Anne Michelin, CRC/MNHN ; Aurélie Tournié, CRC/ MNHN

Le projet Ocara est né à Bâle en 2023, lors d'une rencontre avec plusieurs collègues engagés dans des recherches autour de collections ethnographiques en Europe et au Brésil. Tout en accompagnant la trajectoire et les recherches de Glicéria Tupinambá, notamment autour du manteau de plumes, le projet Ocara propose une étude multidisciplinaire et multiculturelle d'anciennes massues conservées dans des collections muséales situées en France et reconnues comme patrimoine tupinamba. Il espère également faciliter les recherches collaboratives entre communautés concernées, chercheurs, artistes et institutions travaillant avec des points de vue variés sur les objets et les personnes qui ont été ramenés, entre le XVI^e et le XVIII^e siècle, du pays Tupinambá vers l'Europe.

O projeto Ocara borduna, França: perspectivas « esclarecedoras », inquérito para uma melhor legibilidade

O projeto Ocara nasceu na Basileia em 2023, em uma reunião com vários colegas envolvidos em pesquisas sobre coleções etnográficas na Europa e no Brasil. Além de acompanhar a trajetória e a pesquisa de Glicéria Tupinambá, especialmente sobre a capa de penas, o projeto Ocara propõe um estudo multidisciplinar e multicultural de bordunas antigas mantidas em coleções de museus na França e reconhecidas como patrimônio Tupinambá. Ele também espera facilitar a pesquisa colaborativa entre as comunidades envolvidas, pesquisadores, artistas e instituições que trabalham a partir de uma variedade de pontos de vista sobre os objetos e as pessoas trazidos para a Europa do país Tupinambá entre os séculos XVI e XVIII.

14:00 – 15:10

Table 2 : DE SUJEITOS A AUTORES: LITERATURAS E ARTES INDÍGENAS

Sujets puis auteurs : Littératures et arts autochtones

Coordenadora/ modératrice : Brigitte Thiérion, CREPAL, USN

1 Iracema: o indigenismo na construção do imaginário no Brasil

Rosilene Dias Montenegro, PPGH-UFCG, Brasil

Este trabalho propõe analisar a presença do imaginário colonial na construção imagético-discursiva da mulher indígena na sociedade brasileira. Essa análise será feita a partir do romance indianista Iracema, do escritor José de Alencar (1865), cujo projeto político de criação de um mito de origem para o povo e nação brasileira como resultado do encontro do colonizador português Martin com o indígena Iracema está calcado no imaginário e pensamento colonizador. Nesse sentido, Martin é apresentado como o homem branco europeu, guerreiro, sedutor, dominador com a mulher originária da América, indígena, bela, ingênua, passiva e submissa. O objetivo é problematizar os signos e símbolos desse imaginário em sua relação com a visão colonizadora, ou seja, com as referências eurocêntricas que constituíram uma visão fundadora do mito do Brasil, e a relação dessa visão com o imaginário constituído para as mulheres indígenas, nação e relações de gênero. Para essa finalidade, busque-se nas teorias e metodologias da decolonialidade modos de apreensão, aprendizado e ensino sobre os saberes e práticas de existências, re-existências e resistências de gênero, enfatizando as mulheres indígenas, a partir de uma visão romântica de Iracema, a virgem dos lábios de mel a indígena, a questões raciais e racistas na atualidade e relações de gênero. A análise tem como principais referências as contribuições de Aníbal Quijano (1992), Walter Dignolo (2008), e María Lugones (2008). Espera-se contribuir para o debate decolonial em Abya Yala.

Palavras-Chave: Mulheres indígenas, Iracema, Gênero, Decolonialidade.

2 Literaturas Macuxi, Wapichana e Wai Wai em Roraima: referências culturais que revelam os mundos desses povos indígenas

Ananda Machado, UFRR, Brasil

As literaturas que são vozes indígenas, vêm ganhando espaço em livros, em publicações audiovisuais e seguem sendo contadas nas comunidades indígenas. Analisaremos as obras de Joselita Maximiniano, Sony Ferseck e Ely Macuxi; de Kamuu Dan, Ivonio Solon e Cristino Wapichana; de Felipe Wai Wai, prestigiando publicações dessas três etnias. Observaremos sobretudo as especificidades de cada uma dessas línguas e culturas.

3 Arte e ativismo Makuxi: armadilhas criativas de Jaider Esbell, o neto de Makunaima

Vanessa Brandão, Doutoranda em Estudos Literários, Unesp/ Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil

Esta pesquisa percorre as estratégias contracoloniais do artista Makuxi Jaider Esbell ao sair da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, extremo Norte do Brasil, seu lugar de nascimento, para tornar-se figura reconhecida no mercado das artes ocidentais,

provocando novas perspectivas, conceitos e concepções entre o mundo indígena e não indígena. A partir de suas obras Carta ao Velho Mundo (2018-2019) e Na Terra Sem Males (2021), adquiridas pelo Centre Georges Pompidou, em Paris, buscou-se analisar de que maneira o artista desenvolveu armadilhas criativas para enaltecer a resistência da cosmologia Makuxi ao colonialismo persistente. Os povos da etno-região circun-Roraima vivem em seu território cada vez mais organizados, buscando constantemente a retomada de um estado de bem-viver por meio da cultura e práticas ancestrais. Esbell expressou, em seu fazer artístico, as demandas cruciais de seu povo, tecendo redes de alianças afetivas (Krenak, 2022) em todo o mundo, evidenciando a força da ancestralidade indígena feminina, provocando e construindo espaços de escuta nos locais antes fechados para a compreensão das dimensões visíveis e invisíveis da cosmologia originária

15:30 - 17:00

Table 3 : EDUCAÇÃO INDÍGENA E ESCOLARIZAÇÃO, EDUCAÇÃO, SABERES ANCESTRAIS E LUTAS ATUAIS

Éducation autochtone, scolarisation, savoirs ancestraux et luttes actuelles

Coordenadora/ modératrice : Floriza Maria Sena Fernandes, UNEB, Brasil
Jéssica Silva de Quadros, Bacharel em Direito, UniFTC, Brasil

1 Narrativas dos professores javaé: análise dos processos educativos na educação escolar indígena na aldeia Canuanã

Graciene Reis de Sousa, Instituto Federal do Tocantins-IFTO

O estudo menciona narrativas de professores indígenas Javaé sobre a Educação Escolar Indígena, com o objetivo de discutir os processos educativos vivenciados pela comunidade Javaé na aldeia Canuanã, localizada na Ilha do Bananal, com o foco na educação escolar bilíngue. Utilizando a metodologia de História Oral, a pesquisa visa registrar a prática educacional da comunidade e capacitar os professores na promoção de uma educação mais inclusiva e intercultural. Autores como Ricoeur (1993), Ferreira (2001), Candau (2011), Alberti (2012,) e Macedo, Santos (2023) fundamentam a discussão. A análise das entrevistas revela a luta por um ensino específico, diferenciado, intercultural e bilíngue, que preserva a cultura e a língua do povo indígena Javaé. O percurso metodológico adotado pelos educadores Javaé na Escola Indígena Tainá, evidenciado por meio de suas narrativas, reflete o compromisso com a valorização da diversidade cultural e o respeito às especificidades e conhecimentos próprios dos povos indígenas. Tal abordagem converge com concepções de outras lideranças indígenas que definem a escola ideal como um ambiente de satisfação, onde os estudantes se sentem estimulados a frequentar diariamente e se sentem acolhidos a ponto de não desejarem deixar o espaço. Essa escola transcende a ideia de uma estrutura tradicional com cadeiras, quadros brancos e pincéis; trata-se de uma vivência enriquecedora de socialização e construção de saberes. O emprego de elementos do cotidiano, como um peixe capturado no riacho próximo à comunidade, como recurso pedagógico, exemplifica essa metodologia centrada na experiência prática e na clara pedagógica, promovendo a integração dos saberes formais com a realidade e os conhecimentos culturais.

2 Educação escolar indígena no Tocantins: valorização do patrimônio imaterial indígena

Adriana da Costa Pereira Aguiar - UFT

O estudo teve por objetivo discutir a educação escolar indígena como valorização dos saberes indígenas e valorização das línguas indígenas. A partir da CF de 1988 a educação escolar indígena intercultural e bilíngue passa a compor o panorama das políticas educacionais brasileiras e é abordada nos atos normativos vindouros em que se destaca a valorização dos saberes indígenas enquanto patrimônio imaterial. Conclui-se que ainda há necessidade de aprimoramento no atendimento escolar indígena no território do Tocantins, melhoria da estrutura física, formação de professores, atendimento bilíngue, dentre outros.

3 Retos y usos de la escolarización en Amazonia peruana: el caso matsigenka

Raphael Colliaux, IFEA Lima, Pérou

Enjeux et usages de la scolarisation en Amazonie péruvienne : le cas matsigenka

En Amazonie péruvienne, la scolarisation est un phénomène récent qui a eu de multiples effets sur les groupes autochtones de la région, suscitant de profonds réagencements sociodémographiques locaux, ainsi que diverses stratégies de réappropriation de l'espace scolaire et de ses modalités d'enseignement. Pour le comprendre, j'évoquerai le cas des Matsigenka du sud-est amazonien, où l'institution scolaire semble occuper une place désormais décisive au sein des collectifs amérindiens contemporains. Comme nous le verrons, celle-ci assurerait en effet un travail d'instruction qui est perçu comme vital, tant pour la constitution des personnes que pour la reproduction des groupes sociaux. Toutefois, je reviendrai sur le fait que mes interlocuteurs considèrent que corrélativement à l'éducation scolaire, l'enseignement de savoirs et de savoir-faire vernaculaires demeure indispensable pour préserver le souvenir d'un monde amérindien qui s'affaiblit dangereusement : fruit des bouleversements contemporains, cet effacement mémoriel serait concomitant d'une brutale dégradation des corps et, in fine, d'une dangereuse « disparition » collective.

Retos e usos da escolarização na Amazônia peruana: o caso matsigenka

Na Amazônia peruana, a escolarização é um fenômeno recente que teve múltiplos efeitos sobre os grupos indígenas da região, dando origem a profundos rearranjos sócio-demográficos locais, bem como diversas estratégias para a reapropriação do espaço escolar e seus métodos de ensino. Para compreender isto, mencionarei o caso do Matsigenka do sudeste amazônico, onde a instituição educacional parece hoje ocupar um lugar decisivo dentro dos coletivos de nativos americanos contemporâneos. Como veremos, isso garantiria de facto um trabalho educativo que é percebido como vital, tanto para a constituição das pessoas como para a reprodução de grupos sociais. No entanto, voltarei ao facto de que meus/ minhas interlocutores/as consideram que correlato à educação escolar, o ensino dos conhecimentos dos saberes e saberes-fazer vernaculares continuam a ser essenciais para preservar a memória de um Mundo nativo americano que se enfraquece perigosamente: fruto das convulsões contemporâneas, este apagamento da memória seria concomitante com uma degradação brutal dos corpos e, em última análise, com um perigoso “desaparecimento” coletivo.

4 *Oré rogwatá*: A luta dos povos indígenas contra a inconstitucionalidade do Marco Temporal

Juliana Tupinambá, doutoranda em Antropologia social (UNB)

Trata-se de uma reflexão sobre a tentativa do legislativo brasileiro de regulamentar os artigos 231 e 232 da constituição federal de 1988, de maneira inconstitucional ao seu propósito jurídico.

***Oré rogwatá* : la lutte des peuples autochtones contre l'inconstitutionnalité du cadre temporel**

Il s'agit de mener une réflexion sur la tentative du législateur brésilien de régler les articles 231 et 232 de la constitution fédérale de 1988 d'une manière qui est inconstitutionnelle par rapport à son objectif juridique.

17:10

PROJECTION

La mémoire de la Mangrove (Court-métrage)

Memórias do Mangue (Curta metragem)

Giulia Grossman, cineasta

Recherche cinématographique en cours : projection d'images du projet

Pesquisa cinematográfica em andamento: projeção de imagens do projeto

17:40

Roda de conversa / discussion

O manguezal potiguara, lugar de sustento e de encanto

La mangrove potiguara, lieu de subsistance et d'enchantement

mediada por Pedro Junger, ecólogo, pós-doutorando,
Institut de Biologie de l'École Normale Supérieure (IBENS/CNRS)

com a participação de:

Giulia Grossmann, realizadora;

Daniel Potiguara; Joana Potiguara, representantes Potiguara;

Renata Freitas Machado, antropóloga, pós-doutoranda, Centre des Politiques de la Terre et de la Cité du Genre (Université Paris Cité)

RÉSUMÉS – RESUMOS

MARDI 26 NOVEMBRE 2024

9:30 -11:00

Table 4 : PRÁTICAS CULTURAIS, TERRITORIALIDADE E PATRIMÔNIOS

Pratiques culturelles, territorialité et patrimoines

Coordenador/ modérateur : Pedro Daniel dos Santos Souza, UNEB, Brasil

1 Ação, saberes indígenas, povo potiguara: novas territorialidades na relação com a natureza e a ancestralidade

Daniel Santana Potiguara, UFPB, Brasil, Joana Potiguara, OPIP, Brasil

A ação Saberes Indígenas na Escola é uma iniciativa do Ministério da Educação para oferecer a esses professores formação bilíngue ou multilíngue em letramento e numeramento em línguas indígenas e em português, conhecimentos e artes verbais indígenas. Esse é o primeiro ano que esse plano desafiador foi implantado em território Potiguara, tratando especificamente do Núcleo UFCG que acontece na Baía da Traição, Paraíba, Brasil. A Ação Saberes Indígenas na Escola (SIE), instituída pela Portaria N° 1.061, DE 30 DE OUTUBRO DE 2013 do MEC, vem responder à demanda de acompanhamento e avaliação da implementação da educação escolar em nossas escolas estaduais e municipais, qualificando a prática educativa das escolas indígenas através de materiais adequados às suas diferentes exigências. Neste sentido, a implementação do Núcleo UFCG, através do presente projeto, articulando as escolas indígenas e as instituições parceiras, busca dar sustentação à realização de experimentações e iniciativas que possam efetivamente conduzir a um avanço na produção dos nossos materiais escritos e digitais em diferentes formatos e suportes, nas práticas de conhecimento e de produção da escrita e da leitura em diferentes contextos e formatos, em língua indígena e em português a partir dos próprios professores indígenas Potiguara.

2 Mundo indígena Krahô em Itacajá, Tocantins: suas músicas enquanto patrimônio cultural imaterial

Jocyleia Santana dos Santos, PPGE-UFT, Brasil

A pesquisa investiga a implementação de políticas educacionais externas para a inclusão dos Krahô, um povo indígena localizado no norte do Tocantins. A relevância científica se dá no entendimento dessas políticas para a preservação cultural e o fortalecimento da identidade dos Krahô, utilizando conceitos-chave como "educação intercultural" e "educação indígena diferenciada". Os objetivos são examinar o contexto histórico dessas políticas, avaliar as estratégias educacionais empregadas e os impactos dessas ações na comunidade Krahô. O método adotado foi uma revisão bibliográfica, analisando publicações acadêmicas, teses e dissertações sobre o tema, com foco em materiais publicados nos últimos 20 anos. O campo de estudo abrange as aldeias Krahô em Itacajá, com a coleta de dados baseada em fontes secundárias, como artigos científicos e relatórios governamentais. Os resultados parciais indicam avanços significativos, como a inclusão da língua Krahô nos currículos escolares, mas também retrocessos, tais como, a falta de materiais didáticos específicos e a necessidade de maior formação dos professores. A

participação ativa da comunidade na gestão escolar também é destacada como fundamental para o sucesso dessas políticas.

3 Ação saberes indígenas e a valorização do patrimônio cultural ancestral

Floriza Maria Sena Fernandes, UNEB, Brasil

Este diálogo tem por objetivo compartilhar a experiência da Ação Saberes Indígenas na Escola, projeto de formação de professores e professoras indígenas nos Territórios Etnoeducacionais do nordeste brasileiro em ricos contextos ambientais, especificamente aqueles apoiados pela Universidade do Estado da Bahia, Instituto Federal do Sertão Pernambucano e Universidade Federal de Campina Grande no estado da Paraíba. Não existe aqui, a pretensão de fazer longas abordagens e discursos epistemológicos em relação à educação escolar indígena ou mesmo problematizar uma teoria do conhecimento que em nosso entendimento está mais consolidada nas práticas pedagógicas dos professores e escolas indígenas que sistematizadas no mundo acadêmico. Trata-se apenas de apresentar uma proposta exitosa e construída nos territórios indígenas que trilham caminhos sólidos para a constituição de uma política de formação continuada em serviço que leva em consideração o diálogo intercultural, o fazer e principalmente as necessidades das escolas das comunidades indígenas. O referido programa desenvolve o trabalho de formação de professores e professoras indígenas, incentivando a capacitação intelectual, aprimorando a excelência na qualidade de ensino e aprendizagem, além da autonomia e autoria destes professores, para a criação e confecção de materiais didáticos específicos e contextualizados com as realidades etnoterritorializadas em que se encontram estes povos. Materiais estes, que são trabalhados nas escolas indígenas, com o incentivo para o desenvolvimento de estratégias didáticas pedagógicas específicas e interculturais, no processo de valorização identitária, bem como, promovem uma educação significativa e participativa no processo de transformação coletiva do meio. Neste sentido o Movimento de Educação Escolar Indígena no Brasil vem defendendo a possibilidade desta Ação ser transformada em Política Pública de Estado na perspectiva de que a formação continuada esteja sempre alicerçada nos princípios étnicos culturais, linguísticos, nas competências e habilidades fundamentais para a concretização da prática docente.

4 Preservação de sementes e técnicas de cultivo indígena dos cultivares crioulos de milho no Brasil: um patrimônio cultural transmitido e uma herança supervisionada

José Otávio Aguiar, PPGH-UFG

Os povos indígenas brasileiros preservaram e aprimoraram historicamente diversas espécies agrícolas e suas cultivares, e, uma das mais importantes dentre elas foi o milho. As tradições de agricultura dos povos originários do Brasil são, frequentemente, desqualificadas ao serem comparadas com culturas urbanas como a da Confederação Asteca e as do Império Inca e há um senso comum que as associa a um menor engenho ou complexidade, senso esse, infelizmente, reproduzido por professores e pesquisadores. Não obstante, uma investigação mais detalhada nos revela um universo de saberes e tecnologias de armazenamento e preservação de sementes nativas, chamadas crioulas, técnicas essas que não foram recebidas historicamente atenção ou não foram puramente

reconhecidas como indígenas por naturalistas, botânicos e agrônomos ao longo da tradição acadêmica brasileira. As chamadas espécies “crioulas” de milho, aquelas cultivadas e aprimoradas por culturas sucessivas, mesmo quando abordadas por órgãos oficiais do Governo Federal, como a EMBRAPA, não têm em sua classificação seu histórico de hibridação e cultivo. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), foi criada em 1973, e atua na inovação tecnológica focada na geração de conhecimento e tecnologia para agropecuária nacional, mas, não associa a suas funções a de historiador a respeito das espécies agrícolas que investiga. Permaneça assim, nos órgãos oficiais do Governo Federal uma dissociação entre as pesquisas agrônômicas e botânicas e os saberes históricos, antropológicos e devastados sobre os milhões crioulos indígenas. Historicamente, de um lado, naturalistas europeus viajantes viam o milho com maus olhos, como causador de doenças, e por outro, nos cultos e festas populares ele era o alimento escolhido para simbolizar a cura dos homens associados à pele, um protetor dos corpos negros e indígenas, despreocupados e discriminados como inferiores aos brancos, alimentados com o trigo. Neste artigo procuraremos rastrear a origem de algumas tradições de cultivo dos chamados milhões crioulos do Brasil, em busca do protagonismo das agriculturas indígenas que os preservaram por séculos e ainda os cultivam na atualidade.

11:15 - 12:30

Table 5 : POUR UNE HISTOIRE DECOLONIALE : LEÇONS DE GUYANE

Para uma história decolonial: lições da Guiana

Coordenadora/ modératrice : Egídia Souto, CREPAL, USN, France

1 Retrouver sa Juste Place : *Kopikon wanomé*, pour nos Ancêtres

Corinne Toka-Devilliers, Présidente association Mol’ko Alet+Po

Les zoos humains de 1882 et 1892 ont exhibé 47 Kali’na et Arawak à Paris. Pour ne jamais plus oublier ce passé colonial douloureux, un mémorial est aujourd’hui installé en Guyane dans la commune d’Ilaku (Iracoubo). Ce mémorial, représenté par deux femmes autochtones de la nation Kali’na, symbolise la Sagesse et la Transmission du Savoir avec pi’pi Ahieramo et Courage et Force avec pi’pi Molko. Ce lieu est pour le peuple autochtone de Guyane et du Suriname, un lieu de pèlerinage et de mémoire. Notre histoire a retrouvé sa Juste Place dans l’Histoire de la Guyane aujourd’hui. À la mémoire de nos Kopikon.

Encontrando seu lugar de direito: *Kopikon wanomé*, para nossos ancestrais

Os “zoológicos humanos”, de 1882 e 1892, exibiram 47 Kali’na e Arawak em Paris. Para nunca mais esquecer este doloroso passado colonial, um memorial está agora instalado na Guiana, na comuna de Ilaku (Iracoubo). Este memorial, representado por duas mulheres indígenas da nação Kali’na, simboliza a Sabedoria e a Transmissão de Conhecimento com pi’pi Ahieramo e Coragem e Força com pi’pi Molko. Este lugar é para os povos indígenas da Guiana e do Suriname, um local de peregrinação e memória. Nossa história encontrou seu Lugar de Direito na História da Guiana hoje. Em memória dos nossos Kopikon.

2 *Nana Iñonoli, Nana kinipinanon iyombo Nana isheman* : notre Terre, nous l'aimons et nous la voulons

Yuwey Henri, poète Kali'na de Guyane

Réclamer la Terre, Résiliences autochtones en « Guyane française ».

Nana Iñonoli, Nana kinipinanon iyombo Nana isheman : nossa Terra, nós a amamos e a queremos

3 *Énétego iwa ségalidiu sémin owañin...* Laissez-moi vous raconter...

Keywa Henri, plasticienne Kali'na de Guyane

Instant performé pour pluri-narrer l'Histoire-s.

Énétego iwa ségalidiu sémin owañin... Deixe-me lhe contar...

14:00 - 15:30

Table 6 : Langues qui chantent, instruments qui parlent, dessins qui résonnent

Línguas que cantam, instrumentos que falam, desenhos que ressoam

Coordenadora/ modératrice : Pascale de Robert, IRD, PALOC, France

1 Parler, chanter, charmer avec des instruments de musique

Julien Meyer, chercheur CNRS en Sciences du Langage
(GIPSA-Lab/Université Grenoble Alpes)

De nombreuses populations de la planète ayant encore un mode de vie relativement traditionnel utilisent des formes spéciales de parole basées sur l'emploi d'instruments sonores pour imiter la voix. Les outils acoustiques utilisés sont très variés, allant de la simple feuille de citronnier vibrant entre les lèvres à des ensembles de clarinettes en bambou typiques d'Amazonie, en passant par tous types de percussions, dont les fameux « tambours parleurs » d'Afrique de l'Ouest. Tous ces instruments sont utilisés pour parler ou chanter en transformant les voix humaines et ouvrir ainsi de nouvelles perspectives orales. Ce type de patrimoine utilisant le principe d'iconicité acoustique a des rôles divers : certaines pratiques servent de « masque sonore » pour cacher l'identité de la voix, d'autres sont des « propulseurs de parole » permettant de se parler de loin (sifflet, tambours) ; et il y a également des charmes sonores véhiculant soit des imitations onomatopéiques d'animaux, soit des poésies amoureuses... En situation de performance artistique, il s'agira souvent d'exprimer des textes anciens (panégyriques, poèmes, proverbes) dans une langue locale. Une grande partie des mélodies et rythmes ainsi joués s'appuient sur une relation de similarité musique-parole.

Falar, cantar, enfeitçar com os instrumentos musicais

Muitas populações no mundo ainda têm um modo de vida relativamente tradicional e usam formas especiais de fala baseadas no uso de instrumentos sonoros para imitar a voz. As ferramentas acústicas usadas são muito variadas, desde a simples folha de limão que vibra entre os lábios até conjuntos de clarinetes de bambu típicos da Amazônia, sem esquecer todos os tipos de percussão, incluindo os famosos “tambores falantes” da África Ocidental. Todos esses instrumentos são usados para falar ou cantar, transformando as vozes humanas e abrindo novas perspectivas orais. Esse tipo de patrimônio usa o princípio

da iconicidade acústica para uma variedade de propósitos: Alguns servem como “máscaras sonoras” para ocultar a identidade da voz, outros são “propulsores da fala”, permitindo que as pessoas falem umas com as outras à distância (apitos, tambores); e há também amuletos sonoros que transmitem imitações onomatopaicas de animais ou poesias de amor... Em situações de desempenho artístico, o objetivo geralmente é expressar textos antigos (panegíricos, poemas, provérbios) em um idioma local. Muitas das melodias e ritmos tocados dessa forma baseiam-se nas semelhanças entre a música e a fala.

2 Frontières musicales

Philippe Kadosch, compositeur

redéfinit les patrimoines sonores en créant des ponts entre passé et futur. Aux côtés de la chanteuse Tetê Espindola, qui s’inspire des chants d’oiseaux du Pantanal et des espèces en voie de disparition, il donne vie à un dictionnaire sonore unique. Composé d’hommages aux espèces de faune et de flore menacées, de pixels colorés interactifs et de langues en voie de disparition, son orchestre, le *Quark Sinfonietta*, transforme ces éléments en une poésie musicale contemporaine, où chaque son résonne comme un hommage vibrant à la mémoire et à la nature.

Fronteiras musicais

Philippe Kadosch, compositor, redefine o patrimônio sonoro criando pontes entre o passado e o futuro. Ao lado do cantor Tetê Espindola, que se inspira no canto de pássaros do Pantanal e de espécies ameaçadas de extinção, ele dá vida a um dicionário sonoro único. Composta por homenagens a espécies ameaçadas de fauna e flora, pixels coloridos interativos e línguas ameaçadas de extinção, sua orquestra, a *Quark Sinfonietta*, transforma esses elementos em poesia musical contemporânea, onde cada som ressoa como um tributo vibrante à memória e à natureza.

3 Rupestres Sonoros com Mawaca – Intersecções entre música e arqueologia

Magda Dourado Pucci, musicista, antropóloga

Esta comunicação apresenta o processo de pesquisa do projeto *Rupestres Sonoros*, conduzido pelo grupo musical Mawaca de São Paulo. O projeto investiga a relação entre cantos indígenas brasileiros — incluindo aqueles dos povos Paiter Suruí, Ikolen-Gavião, Kayapó, Huni-Kuin e Pakaa Nova — e as imagens rupestres dos sítios arqueológicos da Serra da Capivara (PI) e de Belo Monte (PA). A pesquisa explora intersecções entre arqueologia e música, examinando processos composicionais inspirados nas imagens da tradição geométrica, que são utilizadas como "partituras" visuais para a criação musical. Além disso, são abordadas as relações simbólicas com os conteúdos antropológicos subjacentes às culturas indígenas representadas.

A descoberta da rica interconexão entre as pinturas rupestres e os cantos indígenas foi reveladora e inspiradora, evidenciando um diálogo artístico que emergiu de estudos arqueológicos e que foi enriquecido por abordagens criativas. Esse processo sugere conexões entre civilizações por meio de imagens e sons que evocam modos de comunicação profunda e ancestral. As pinturas rupestres constituem uma forma de expressão que continua a fascinar arqueólogos, pois registram não apenas aspectos cotidianos de antigas civilizações, mas também uma complexa “cosmologia em

camadas”, na qual o mundo celeste, o mundo terrestre e o mundo subterrâneo são constantemente interligados e evocam uma visão de mundo complexa e simbólica.

Palavras-chave: arqueologia sonora, cantos indígenas, Serra da Capivara, Belo Monte, arte rupestre, tradição geométrica, processos composicionais, simbolismo antropológico, cosmologia indígena, música e arqueologia, patrimônio cultural.

Rupestres Sonoros avec Mawaca – Intersections entre musique et archéologie

Cette communication présente le processus de recherche du projet *Rupestres Sonoros*, mené par le groupe musical *Mawaca*, basé à São Paulo. Le projet étudie la relation entre les chants indigènes brésiliens – notamment ceux des peuples Paiter Suruí, Ikolen-Gavião, Kayapó, Huni-Kuin et Pakaa Nova – et les images rupestres des sites archéologiques de Serra da Capivara (PI) et de Belo Monte (PA). La recherche explore les intersections entre l’archéologie et la musique, en examinant les processus de composition inspirés par les images de la tradition géométrique, qui sont utilisées comme des « partitions » visuelles pour la création musicale. En outre, les relations symboliques avec les contenus anthropologiques sous-jacents aux cultures autochtones représentées sont abordées.

La découverte de la riche interconnexion entre les peintures rupestres et les chants indigènes a été révélatrice et inspirante, mettant en évidence un dialogue artistique qui a émergé des études archéologiques et a été enrichi par des approches créatives. Ce processus suggère des connexions entre les civilisations à travers des images et des sons qui évoquent des modes de communication profonds et ancestraux. Les peintures rupestres constituent une forme d’expression qui continue de fasciner les archéologues, car elles témoignent non seulement des aspects quotidiens des civilisations anciennes, mais aussi d’une « cosmologie stratifiée » complexe, dans laquelle le monde céleste, le monde terrestre et le monde souterrain sont constamment interconnectés et évoquent une vision du monde complexe et symbolique.

Mots-clés : archéologie sonore, chants autochtones, Serra da Capivara, Belo Monte, art rupestre, tradition géométrique, processus de composition, symbolisme anthropologique, cosmologie indigène, musique et archéologie, patrimoine culturel

4 *Amoa hi*, l’Arbre des chants : genèse et fonction des chants dans la culture yanomami

Marie-Claude Mattei Müller, ethnolinguiste

Selon la mythologie yanomami les chants naissent d’un arbre appelé *Amoa hi*. Après une présentation détaillée de ce mythe très peu connu, l’analyse de quelques chants, en particulier, ceux que l’on appelle les *heri*, chants propitiatoires de bonne chasse, ceux des hommes et ceux des femmes permettra de mettre en lumière le rôle fondamental des chants dans la vie intra et extra communautaire des Yanomami qui n’ont que leur voix comme instrument de musique.

***Amoa hi*, A Árvore dos Cantos: Gênese e Função dos Cantos na Cultura Yanomami**

De acordo com a mitologia Yanomami, os cantos são originários de uma árvore chamada *Amoa hi*. Após uma apresentação detalhada desse mito pouco conhecido, vou analisar alguns cantos, em particular, as chamadas de *heri*, canções propiciatórias de boa caça, as de homens e as de mulheres. Os cantos *heri* evidenciam o papel fundamental dos cantos na vida intra e extracomunitária dos Yanomami que têm apenas a voz como instrumento musical.

15:40 - 16:50

Table 7 : Retomadas: língua, museu, patrimônio

“Retomadas” : langue, musée, patrimoine

Coordenadora/ modératrice : Brigitte Thiérier, CREPAL, USN

1 Documentação e retomada das línguas indígenas do Norte e Oeste da Bahia: caminhos percorridos

Pedro Daniel dos Santos Souza (UNEB)

Fundamentando-se na estreita relação entre língua e cultura, o *Observatório das línguas indígenas das regiões Norte e Oeste da Bahia*, nomeadamente da região do Submédio São Francisco, assenta-se em ações de políticas linguísticas voltadas à documentação e à retomada/revitalização de línguas indígenas desses espaços, no âmbito da educação escolar indígena e das práticas culturais das comunidades, assim como na realização de um mapeamento de sua situação sociolinguística. A par dessa questão, no presente trabalho, apresentam-se notícias sobre as atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas e/ou a serem desenvolvidas no âmbito do referido *Observatório*. Tendo em vista sua importância para as comunidades indígenas do Norte e Oeste da Bahia, vislumbra-se que, por meio das referidas ações, a escola *para* “índios”, que, na segunda do século XVIII, teria sido instrumento de homogeneização linguística em favor da língua portuguesa, abra-se então para a diversidade linguística e para o respeito às culturas e às tradições indígenas, por meio de uma educação diferenciada e intercultural bilíngue, um caminho em construção.

2 Patrimonio material, usos y abusos. Procesos para la recuperación del patrimonio material colombiano

Nayibe Gutierrez Montoya, Centro de Investigaciones
Jauja sobre el Área Andina, Perú

La carrera por el coleccionismo despertó en Europa y en Norte América, muy especialmente a partir de las publicaciones de Alexander von Humboldt, propiciando que importantes patrimonios materiales fueran monedas de cambio, o incluso donaciones, entregados y ofrecidas por las instituciones nacionales a estados europeos y a Estados Unidos. Un gran número de científicos, viajeros o simplemente aventureros, recorrieron desiertos, sierras, selvas, bosques y valles en busca de tesoros de metal, cerámica, piedras, huesos o conchas, para llevarlos a lejanos museos, casi siempre descontextualizados de sus culturas originarias, y expuestos como muestras de la exótica belleza de pueblos salvajes, que decían, ya no existían. Dichas muestras terminaron sirviendo a la construcción de un discurso de un pasado de esplendor cultural en franca oposición a las “culturas mestizas” de la actualidad. En esta ponencia queremos recoger algunos de los más importantes ejemplos de patrimonio material, perteneciente a comunidades indígenas colombianas, que hoy se encuentran en museos del mundo, algunas de las cuales han sido objeto de procesos de reclamación por parte del Estado colombiano.

Patrimoine matériel, usages et abus. Processus de récupération du patrimoine matériel colombien

La course à la collection s’est déclenchée en Europe et en Amérique du Nord, surtout après les publications d’Alexander von Humboldt, et a conduit à l’échange, voire au don, d’un important patrimoine matériel par des institutions nationales à des États européens et aux États-Unis. Un grand nombre de scientifiques, de voyageurs ou simplement

d'aventuriers ont parcouru les déserts, les sierras, les jungles, les forêts et les vallées à la recherche de trésors de métal, de poterie, de pierres, d'os ou de coquillages, pour les emmener dans des musées lointains, presque toujours décontextualisés de leurs cultures d'origine, et exposés comme des échantillons de la beauté exotique de peuples sauvages qui, disaient-ils, n'existaient plus. Ces expositions ont fini par servir à construire le discours d'un passé de splendeur culturelle en opposition totale avec les « cultures métisses » d'aujourd'hui. Dans cet article, nous souhaitons rassembler quelques-uns des exemples les plus importants de patrimoine matériel appartenant aux communautés indigènes colombiennes qui se trouvent aujourd'hui dans des musées du monde entier et dont certains ont fait l'objet de processus de récupération de la part de l'État colombien.

3 Legado Sagrado: “El origen” costumbres y tradición. Sierra Nevada de Santa Marta

Tatiana Mahecha, directora,
guionista y realizadora de Cine y Audiovisuales

Nace de la inspiración de la fotógrafa documental Tatiana Mahecha que como artista encuentra en la creación fotográfica una posibilidad y un medio para contar la historia de resistencia de nuestros pueblos indígenas, una oportunidad para contribuir a la conservación y preservación de este patrimonio cultural material que nos pertenece a todos. *Legado Sagrado* ha sido posible gracias al trabajo con el equipo de la Unidad de Apropiación Social del Conocimiento adscrita a la Vicerrectoría de Investigación de la Universidad del Magdalena, que en su labor incansable por promover el conocimiento y la cultura, apoya la iniciativa de realizar una exposición fotográfica que permite al espectador admirar un selecto grupo de las más de mil piezas que hacen parte de la Colección Arqueológica del Centro de Colecciones Científicas custodiadas por la propia Universidad del Magdalena. Desde el 2019 este Centro se consolidó como unidad académica que trabaja arduamente por salvaguardar el patrimonio arqueológico ancestral del Caribe Colombiano. El registro fotográfico del *Legado Sagrado* está compuesto por piezas de materiales cerámicos y líticos del periodo Tayrona y Neguanje, de la Sierra Nevada De Santa Marta, acompañadas por un texto curatorial elaborado por los expertos Wilhem Londoño Diaz y María Fernanda Mozo. En conjunto la muestra nos sumerge en un viaje histórico, que nos lleva al origen para reencontrarnos con nuestros ancestros.

Héritage sacré : « L'origine » coutumes et traditions. Sierra Nevada de Santa Marta

L'exposition est le fruit de l'inspiration de la photographe documentaire Tatiana Mahecha qui, en tant qu'artiste, trouve dans la création photographique une possibilité et un moyen de raconter l'histoire de la résistance de nos peuples autochtones, afin de contribuer à la conservation et à la préservation de ce patrimoine culturel matériel qui nous appartient à tous. *Legado Sagrado* a été possible grâce au travail réalisé en collaboration avec l'équipe de l'Unité d'Appropriation Sociale de la Connaissance rattachée au Vice-Rectorat de la Recherche de l'Université de Magdalena qui, dans un inlassable travail de promotion de la connaissance et de la culture, soutient l'initiative de créer une exposition photographique permettant au spectateur d'admirer un ensemble sélectionné parmi les plus de mille pièces qui font partie de la Collection Archéologique du Centre des Collections Scientifiques conservé par l'Université de Magdalena elle-même. Depuis 2019, ce centre s'est affirmé en tant qu'unité académique qui s'efforce de sauvegarder le patrimoine archéologique ancestral des Caraïbes colombiennes. Le dossier photographique de *Legado Sagrado* est composé de pièces de céramique et de matériaux lithiques des périodes Tayrona et Neguanje, de la Sierra Nevada de Santa Marta, accompagnées d'un texte curatorial écrit par les experts Wilhem Londoño Diaz et María

Fernanda Mozo. Dans son ensemble, l'exposition nous plonge dans un voyage historique qui nous ramène aux origines, à la rencontre de nos ancêtres.

Synthèse – Clôture

17:00

Institutions universitaires, institutions patrimoniales : passages des savoirs

Joëlle le Marec, PALOC/ MNHN

Les institutions culturelles, telles que les musées et les bibliothèques, apparaissent le plus souvent comme les instruments de pouvoirs, par lesquels les états ont concrétisé des projets universalistes, source de violences, d'invisibilisations innombrables. L'institution est toujours plus que cela, elle est aussi une forme qui échappe nécessairement à sa propre réduction ontologique, de même qu'y échappent les objets conservés et exposés dans les musées. Elle est – parfois – un espace sensible aux présences, aux significations qui la traversent et qui n'appartiennent pas à celles et ceux qui en assument l'administration. On peut – par moment – faire l'expérience d'être invité dans sa maison, rendue à sa condition de territoire diplomatique, vivant, sensible.

Instituições universitárias, instituições patrimoniais: passagens dos saberes

As instituições culturais, como museus e bibliotecas, geralmente aparecem como instrumentos de poder, por meio dos quais os Estados colocaram em prática projetos universalistas, fonte de violências e inúmeras invisibilizações. A instituição é sempre mais do que isso; é também uma forma que necessariamente escapa de sua própria redução ontológica, tal como os objetos conservados e exibidos nos museus. Ela é – às vezes – um espaço sensível às presenças e aos significados que a atravessam e que não pertencem àquelas e àqueles que a administram. Podemos – de tempos em tempos – ter a experiência de sermos convidados a entrar em nossa própria casa, devolvida à sua condição de território diplomático, vivo e sensível.

Pot de clôture

autour de l'exposition *Legado Sagrado* de Tatiana Mahecha

Brinde à amizade entorno da exposição *Legado Sagrado* de Tatiana Mahecha

BIOGRAPHIES - BIOGRAFIAS

Adriana Costa Pereira

Doutoranda em Educação (2024) pela FUUSA - Florida University USA (EUA). Mestra em Educação (2022) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Licenciada em Pedagogia - Supervisão Escolar (1995) pela Universidade de Gurupi (UNIRG). Especialista em Planejamento, Orientação Educacional e Gestão Escolar. Estudou do ensino fundamental ao ensino médio na Fundação Bradesco – Canuanã. Foi Professora efetiva da Educação Básica do Estado do Tocantins, aposentada em abril de 2024 com 36 anos de contribuição. Foi Secretária de Estado da Educação e Cultura do Estado do Tocantins em 2014, Secretária de Estado da Educação, Juventude e Esportes (2018 a 2021), Presidente do Instituto 20 de Maio de Educação, Ciência e Tecnologia (2022) e Secretária de Desenvolvimento Social da capital do estado do Tocantins - Palmas (2023). Ainda no âmbito Estadual ocupou a função de Diretora Técnica de Aprendizagem Rural (SENAR), foi Consultora Técnica em Educação na Associação Tocantinense de Municípios (ATM). No cenário Nacional foi vice-presidente do Conselho Nacional dos Secretários de Educação (CONSED) da região norte (2014) (2019/2020), membro da Comissão Nacional de Educação do Campo (CONEC), membro da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena (CMEEI), coordenadora da Câmara Técnica de Educação do Consórcio Amazônia Legal (2019-2021). Já atuou como consultora do Instituto CNA e Instituto Lemam (2013), articuladora do Selo Unicef no Tocantins (2016-2021). Foi membro do Conselho Curador da Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS); do Fórum Estadual Permanente de Apoio à Formação Docente (FEPAD/TO). Conquistou o Prêmio Escola Comunitária de Gestão Compartilhada. Entre as temáticas de pesquisa e atuação a educação escolar indígena no Tocantins e os saberes.

Ananda Machado

Professora efetiva do curso Gestão Territorial Indígena no Instituto Insikiran - Universidade Federal de Roraima; permanente nos programas de Pós-Graduação em Letras, Ensino de História e Educação da Amazônia. Coordenadora do Laboratório de Estudo e Ensino de Línguas e Literaturas Indígenas (LEELLI-PPGL-UFRR); Líder do grupo de Pesquisa CNPQ Literaturas Indígenas, Africanas e Caribenhas; Bolsista PQ CNPQ, com pesquisas nas áreas de Línguas e Literaturas Indígenas, Patrimônio cultural e Arqueologia Indígena na Amazônia.

André Delpuech

Conservateur général du patrimoine, chercheur au Centre Alexandre Koyré (EHESS – CNRS – MNHN). Auparavant, il a été directeur du Musée de l'Homme, de 2017 à 2022. De 2005 à cette date, il a été responsable des collections des Amériques (archéologie et ethnographie) au Musée du quai Branly - Jacques Chirac. Après des débuts dans la recherche sur le Paléolithique en France et en archéologie préventive, il a été le fondateur et le directeur du Service archéologique de la Guadeloupe de 1992 à 1999, puis chercheur au Laboratoire « Archéologie des Amériques » (UMR 8096) pendant deux ans. De 2002 à 2004, il a été chef du bureau de la recherche archéologique au ministère français de la Culture.

Ses recherches actuelles portent plus spécifiquement sur les sociétés amérindiennes des aires caribéennes et amazoniennes, sur l'histoire de la colonisation des Amériques et de l'esclavage transatlantique, mais aussi sur les cabinets de curiosités et l'histoire des musées d'anthropologie et de société. Derniers ouvrages dirigés, en 2014 « Archéologie

de l'esclavage colonial », aux éditions La Découverte, et en 2017, « Les années folles de l'ethnographie. Trocadéro 28-37 », aux éditions du Muséum national d'Histoire naturelle.

Anne Michelin

est physico-chimiste, maître de conférences du Muséum national d'Histoire naturelle au sein du Centre de recherche sur la conservation. Au sein d'un pôle intitulé « Couleur et effets visuels » qui s'intéresse à la couleur et aux autres attributs de l'apparence (comme la brillance et la transparence), elle mène des recherches sur la caractérisation des matériaux du patrimoine afin de mieux connaître leur histoire, leur constitution, leurs usages et leur réception mais également afin de mieux comprendre leurs mécanismes de dégradation. Elle est spécialisée dans l'étude des documents graphiques principalement à l'aide de techniques d'analyse non invasives et transportables utilisant les interactions lumière-matière en particulier les spectroscopies de réflectance. Ces recherches actuelles sont orientées vers le développement de techniques d'imagerie notamment de l'imagerie hyperspectrale.

Aurélie Tournié

est ingénieure de recherche au Centre de Recherche sur la Conservation des Collections (UAR 3224 CNRS-MNHN-Ministère de la Culture) au sein du pôle « Couleur et effets visuel ». Elle est titulaire d'un doctorat en chimie physique sur l'analyse Raman sur-site de verres anciens et vitraux : modélisation, procédure, lixiviation et caractérisation. Grâce à trois post-doctorats (2009-2012) elle a acquis une expérience sur la caractérisation des matériaux organiques et inorganiques par spectroscopies vibrationnelles (Raman and IR) en laboratoire et sur site. Elle a travaillé sur différentes problématiques comme les techniques d'élaboration, provenance, état de conservation et cinétiques de dégradations. Aujourd'hui au CRC, ses principales activités de recherche concernent le développement de méthodes spectroscopiques et optiques, en particulier la spectroscopie de réflectance UV-VIS-NIR, en mode ponctuel ou par imagerie hyperspectrale appliquée aux objets et matériaux du patrimoine. Elle a travaillé sur la cape tupinamba conservée au Musée du Quai Branly et sur les plumasseries.

Brigitte Thiérion

Membre du CREPAL (Centre d'Études et de Recherches sur les Pays Lusophones) à la Sorbonne Nouvelle. Elle effectue des recherches sur les représentations de l'espace américain et de l'Amazonie, dans les récits de voyage, la littérature et les arts. Elle est l'auteur d'une thèse sur l'écrivain Márcio Souza. Son intérêt pour les peuples autochtones, l'a conduite à orienter entre les expressions littéraires autochtones du Brésil et du Québec. Dans le cadre du projet « Amérindianités », elle analyse les manières dont les peuples autochtones revendiquent une place dans la société contemporaine. Dernièrement, ses recherches portent sur l'activisme des femmes autochtones dans les arts, la littérature et la politique. Elle a participé à l'organisation d'expositions sur le patrimoine matériel et immatériel et collabore à des projets participatifs dans les musées, associant des chercheurs autochtones et allochtones partenariat avec le laboratoire PALOC/IRD dans le projet COLAM (Collection des Autres et Mémoires de Rencontres). Elle dirige le projet OCARA, qui étudie les artefacts des débuts de la colonisation des Amériques conservés dans les musées européens.

Corinne Toka-Devilliers

est une femme du peuple autochtone de nation kali'na. Elle mène depuis plusieurs années un combat pour rapatrier en Guyane les dépouilles de ces ancêtres. En 2018, elle décide d'agir après avoir visionné le documentaire Des Sauvages au cœur - Zoos humains de

Pascal Blanchard et Bruno Pujebet. Touchée par le témoignage de sa grand-mère, elle crée en 2021 l'association Moliko Alet Po (signifiant « les descendants de Moliko ») pour rendre hommage à ses aïeux et faire connaître cette page sombre de l'histoire coloniale.

Daniel Santana Neto

Indígena Potiguara, Baía da Traição-PB, Brasil. Coordenador executivo da Organização dos Professores Indígenas Potiguara da Paraíba – OPIP/PB. Antropólogo, professor e pesquisador indígena. Atua na Educação Básica, Educação Superior e formação de professores. Formação: Graduação em Antropologia, Pedagogia; Especialização em Educação indígena e Educação Especial; Mestrado e Doutorado em Ciências das Religiões-UFPB.

Egídia Souto

enseigne le patrimoine, la littérature et histoire de l'art de l'Afrique. Docteur en Art, littérature et civilisations des pays lusophones de l'université Paris Sorbonne Nouvelle, elle est chercheuse au CREPAL (Centre d'études sur les Pays lusophones, Sorbonne Nouvelle), membre associé au CEAUP (Centre d'études africaines de l'université de Porto), Instituto de Filosofia, « Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal », (Universidade de Porto), à l'institut Frobenius (Recherche en Anthropologie Culturelle), université Goethe de Francfort-sur-le-Main et membre du comité scientifique du programme ANR/DFG « Anthropos ». Pendant plus de quinze ans, elle a été conférencière au musée du Quai Branly -Jacques Chirac et a collaboré plus de 7 ans avec le Musée Dapper.

Elle a contribué à divers projets de muséologie participative avec des populations autochtones. Au Sénégal en 2012, autour de l'exposition Masques et Mémoires, Musée Dapper et en 2018 autour du projet « Constitution, documentation et valorisation des collections muséales en collaboration/Pratiques d'hier, aujourd'hui et demain » avec le Musée d'Histoire naturelle de Toulouse et de Paris, COLAM (OPUS, Sorbonne Universités, PALOC IRD/MNHN). Ses recherches portent sur les relations entre la peinture et la poésie, l'anthropologie et l'art, l'ethnographie, l'art extra-européen et la politique des musées européens.

Floriza Maria Sena Fernandes

Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora efetiva da Universidade do Estado da Bahia/UNEB e Pesquisadora do Centro de Pesquisas em Etnicidades Movimentos Sociais e Educação - OPARÁ-UNEB/CNPq junto às linhas de pesquisas Etnologia, Educação, Educação Indígena e Interculturalidade; Campesinato, Ecologia Humana, Etnoconservação. Como antropóloga atuou na ONG RAÍZES: Centro de Formação, Pesquisa e Assessoria para a Cidadania assessorando projetos de Intervenção Social. É Associada da ONG AGENDHA: - Assessoria e Gestão em Estudos da Natureza, Desenvolvimento Humano e Agroecologia e sócia efetiva do Instituto Popular Memorial de Canudos. É coordenadora dos Colegiados de Licenciatura Intercultural de Educação Escolar Indígena e da Ação Saberes Indígenas na Escola-UNEB/MEC -SEMESP. Ministra os componentes Curriculares das áreas de Antropologia e Sociologia na Graduação e na Pós Graduação. Coordena o OPARÁ: Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação - Órgão suplementar da UNEB cujo objetivo é desenvolver políticas de Pesquisa e Extensão junto aos Povos Originários, Comunidades Tradicionais e Camponeses nas regiões norte e oeste da Bahia.

Giulia Grossmann

Giulia Grossmann est une artiste et cinéaste qui explore, à travers ses films, la relation entre l'Homme et son environnement, en collaborant avec des scientifiques de diverses disciplines et en travaillant sur des territoires spécifiques. Ses projets interrogent notre manière d'habiter la Terre, des montagnes basques au désert du Mexique, de l'océan Atlantique aux volcans islandais, jusqu'à l'espace interplanétaire. Ses films sont projetés dans de nombreux festivals internationaux et exposés dans des musées et centres d'art contemporain. Elle est également lauréate de la Villa Albertine 2025.

Elle développe actuellement un film intitulé *La mémoire de la mangrove*, tourné dans le Nordeste du Brésil, en collaboration avec Pedro Junger, écologue. Ce projet met en lumière les enjeux de préservation de cet écosystème unique, tout en tissant des liens entre pêcheurs, scientifiques, Potiguara et activistes, faisant de la mangrove un territoire résilient de résistance face aux changements en cours.

Glicéria Tupinambá

artiste, leader de la communauté Tupinambá de la Serra do Padeiro (TI Tupinambá de Olivença) dans l'État de Bahia, étudiante en Anthropologie Sociale au Musée National de Rio de Janeiro, a représenté le Brésil à la Biennale de Venise en 2024.

Graciene Reis de Sousa

Historiadora e Professora da Rede de Ensino Técnico e Tecnológico (EBTT). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), vinculada ao Programa Educante (2021-2025), é Mestre em Educação pela UFT (2019), na modalidade Profissional. É filiada à Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil), Seção Tocantins, e membro do Grupo de Pesquisa do CNPq História, Historiografia e Fontes de Pesquisa em Educação – HHFP. Especialista em Psicopedagogia Institucional (2006) e graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Maranhão (2005).

Jéssica Silva de Quadros (Tupinambá)

Liderança Tupinambá da comunidade Serra do Padeiro (Terra Indígena Tupinambá de Olivença, Bahia). Bacharel em Direito (UniFTC, Itabuna, Brasil), Professora no Colégio Estadual Indígena Tupinambá Serra do Padeiro (CEITSP) e Presidente da Cooperativa Agropecuária Tupinambá Boiadeiro Indígena (CATUBOI).

Joana Artur Damasceno

Mulher e militante indígena do povo Potiguara da Paraíba, nascida na aldeia Laranjeiras, localizada no município de Baía da Traição, estado da Paraíba, Brasil. Formada em Pedagogia pela Unavida - Ceará e em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Pós-graduada em Educação para os Anos Iniciais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB - Campos IV). Possui experiência na sala de aula na Educação Infantil, nos Anos Iniciais e nos Anos Finais da Educação Básica e atuou na Educação de Jovens e Adultos por mais de cinco anos. Participou do Programa Escola Ativa, do Congresso Mundos Indígenas em 2018 (realizado em Campina Grande, UFCG) e outros eventos na área da educação e da educação escolar indígena.

Membro da Organização dos Professores Indígenas Potiguara (OPIP), trabalha na educação com e para o seu povo há mais de 20 anos, ajudando a orientar outros professores a como atuar com os elementos da cultura indígena dentro de sala de aula.

Jocyléia Santana dos Santos

professora catedrática de História da Educação, doutora em História pela UFPE. Professora Titular e coordenadora do Mestrado e Doutora em Educação da Universidade Federal do Tocantins. Entre suas obras mais recentes temos de destacar: *Produções de conhecimento sobre interculturalidade e educação* (2022) *Formação de professores para a Educação Básica* (2022).

<http://lattes.cnpq.br/8198025782417839>; <https://orcid.org/0000-0003-2335-121X>.

Joëlle Le Marec

est professeure au Museum National d'Histoire Naturelle, membre de l'unité PALOC (Patrimoines locaux, environnement et globalisation). Elle dirige des recherches sur les rapports entre sciences et société, sur les formes de vie des savoirs dans l'institution, et sur les cultures de l'enquête. Elle collabore à de nombreux réseaux de coopération entre recherche, associations et institutions, en particulier pour la coopération entre bibliothèques, musées et recherche. Elle anime également un réseau international sur les savoirs de la précarité et dirige la collection *Études de Sciences aux Éditions des Archives Contemporaines*.

José Otávio Aguiar

é mineiro de Ubá. Autor e co-autor em diversos livros e artigos, entre os quais se inclui a biografia publicada de um oficial napoleônico no Brasil, o francês Guido Thomaz Marlière (1767-1836). Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1999) e Doutorado em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003). Realizou pesquisa de Pós-Doutoramento no Programa de Pós em História da Universidade Federal de Pernambuco entre 2009 e 2010, estudando a obra botânica do naturalista paraibano Manuel Arruda da Câmara (1752-1811). Atualmente é Professor Efetivo, Titular, com regime de Dedicção Exclusiva da Universidade Federal de Campina Grande/PB, onde leciona na Graduação, bem como nos Programas de Pós-Graduação em História (Mestrado) e em Recursos Naturais (Mestrado e Doutorado Interdisciplinares). Acumula experiência de pesquisa e publicação nas áreas de História Ambiental, História da Biologia, Etnobiologia e História Indígena, História do Brasil Império, História do Brasil Colônia, História do Brasil Contemporâneo e História das recepções culturais religiosas e marciais japonesas e chinesas no Brasil. Foi Bolsista de Produtividade e Pesquisador do CNPQ nível 2, entre os anos de vigência de 2012 e 2015. Entre agosto de 2015 e junho de 2016 foi pesquisador e bolsista de Pós-Doutoramento da CAPES, num convênio PROCAD entre a PUC de São Paulo, a UFCG e a Federal do Amazonas, estudando história ambiental, movimentos sociais e ambientalistas, mundos do trabalho e verticalizações urbanas

<https://www.histprocad.pro.br/pesquisadores/>. Compôs e compõe diversos conselhos editoriais, como o da Revista *História Hoje*, da ANPUH. É vice-editor da Revista *Minemosine* e membro do Conselho Consultivo Nacional da Revista *História*, da Unesp de Assis - SP. Entre abril de 2017 e julho do mesmo ano, coordenou, interinamente, o Programa de Pós Graduação em Recursos Naturais da UFCG (Mestrado e Doutorado) situado na área de Ciências Ambientais. É pesquisador do projeto histórico-documental de âmbito nacional, *Catálogo Geral de Documentos de História Indígena e Escravidão Negra no Brasil* financiado pelo Edital da Petrobrás Cultural. Coordena, juntamente com a professora Juciene Ricarte Apolinário, o Grupo de Estudos em História, Meio Ambiente e Questões Étnicas registrado no CNPQ desde 2006. Como Pesquisador e membro do Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assinou, em 2017, um acordo de colaboração interinstitucional entre a UFCG e o Centro de História d'Aquém e d'Além-

Mar (CHAM) Universidade Nova de Lisboa, PT, e também, com a Universidade Pablo de Olavide, em Sevilha, Espanha. Entre janeiro de 2020 e maio de 2023 coordenou o Programa de Pós-Graduação em História da UFCG. Entre março de 2020 e março de 2023 foi Bolsista de Produtividade do CNPQ, nível II, Grande Área de Ciências Ambientais, subárea de História do Brasil. Administrador das redes sociais do grupo de pesquisa História, Meio Ambiente E Questões Étnicas: <https://www.instagram.com/gphist>

Juciene Ricarte Cardoso Tarairiú

é professora doutora autodeclarada indígena. Possui graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba (1993), mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco (1996), doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco com Bolsa da CAPES no Brasil e no Exterior (Universidade do Porto -Portugal) e Pós-Doutorado na Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, (Bolsa CAPES, Estágio Sênior no Exterior). Participou como pesquisadora de tratamento arquivístico e histórico do Projeto Resgate Barão do Rio Branco/MINC entre 1998 e 1999 em Portugal com Bolsa do CNPq de Aperfeiçoamento no Exterior e Bolsa da Sociedade Goiana de Cultura. Entre 2021 e 2022 foi Consultora da UNESCO, Recortes Temáticos e Humanidades Digitais no Projeto Resgate Barão do Rio Branco e Coordenadora do Projeto Humanidades Digitais e Museu Virtual dos Povos Indígenas no Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT, PPGE-UFT. Professora do Programa de Pós Graduação em História da UFCG (Fonte: Lattes)

Juliana Tupinambá

Seu nome social é Amanayara Tupinambá, é liderança indígena do povo Tupinambá de Olivença, da Aldeia Mãe, localizada na Terra Indígena Tupinambá de Olivença – BA. Educadora indígena, geógrafa, pedagoga e educadora indígena no Colégio Estadual Indígena Tupinambá Amotara-Anexo Katuana. Pedagoga pela Faculdade Adelina Moura-FAADEMA (2021), Pós-graduada em Educação Indígena pelo Centro Universitário Favoni (2022), Graduada em Geografia Bacharelado pela Universidade de Santa Cruz (UESC) e mestre em Antropologia social pela Universidade de Brasília (UNB). Atualmente é doutoranda em Antropologia social pela UNB e está em uma mobilidade na Universidade Sorbonne Nouvelle e vinculada ao IHEAL. É pesquisadora do Centro de Referência Virtual Indígena do Armazém Memória e do Observatório de Direitos e Políticas Indigenistas (OBIND)/ UNB.

Julien Meyer

est chercheur CNRS en Sciences du Langage (GIPSA-Lab/Université Grenoble Alpes) ; il a également une formation de bioacousticien et étudie donc aussi différents types d'espaces sonores environnementaux et musicaux. Il s'intéresse en particulier aux liens entre langues, patrimoines oraux et milieux écologiques. Il a développé une expertise sur le thème de l'imitation sonore de la parole pour la télécommunication naturelle (parole sifflée, tambours parleurs) et pour l'expression de certaines musiques traditionnelles. Il a travaillé avec une dizaine de communautés linguistiques du monde entier et a passé beaucoup de temps en Amazonie depuis 2009, dont 5 ans au Museu Goeldi de Belém au Brésil. Il collabore depuis 2012 avec les Wayãpi de l'Oyapock ainsi que l'Observatoire Hommes/Milieus du CNRS Guyane.

Keywa Henri

est artiste pluridisciplinaire et chercheur·euse indépendant·e, franco-brésilien·ne, né·e à Kaulu (Kourou) en « Guyane Française ». Premier·e Kalin'a Tilewuyu (nation

autochtone de « Guyane Française ») diplômé·e des Beaux-Arts de Lyon en France, iel vit et travaille actuellement entre la « Guyane Française » et la France. Keywa développe une pratique protéiforme qui expose des problématiques intersectionnelles, explorant les arts visuels, le cinéma, la littérature et la mode. Iel élabore une réflexion ancrée dans les Histoires des Peuples Originels d'Abya Yala (« Amériques ») et œuvre pour une « protagonisation » autochtone dans notre société contemporaine globale, tout en questionnant sa place dans le contexte français.

Magda Pucci

É musicista, antropóloga, pesquisadora de músicas do mundo das musicalidades indígenas, educadora musical e curadora de festivais e ações de formação. Formada em Regência pela USP, é mestre em Antropologia pela PUC-SP e Doutora em Pesquisa Artística pela Universidade de Leiden, na Holanda.

É diretora musical, arranjadora, cantora e fundadora do Mawaca, grupo com 28 anos de carreira, que recria canções de várias partes do mundo, interpretadas em mais de 20 línguas, buscando mostrar a diversidade sonora de grupos minoritários.

É autora de seis livros relacionados a temas indígenas e educação musical e ministra oficinas e cursos de música. É coordenadora estadual da seção brasileira do FLADEM - Fórum Latino-Americano de Educação Musical.

Tem desenvolvido projetos musicais em colaboração com comunidades indígenas como Kayapó, Guarani Kaiowá, Huni-Kuin, Paiter Surui, Waujá, Ikolen-Gavião, Fulni-ô e outros. Em 2019 esteve em turnê pelo projeto Sonora Brasil (Sesc) por 45 cidades do Norte e Nordeste ao lado da cantora Djüena Tikuna.

É associada do International Council of Traditional Music and Dance - ICTMD - desde 2013 e participa da Junta Diretiva do Grupo de Estudos de Músicas Latino-americanas e do Caribe e integra a Diretoria da ABET, Associação Brasileira de Etnomusicologia.

Marie-Claude Mattei Müller

Agrégée de l'Université et diplômée de 3e cycle en ethnolinguistique, travaille depuis de nombreuses années sur les langues et cultures de plusieurs peuples amérindiens du Venezuela (Panare/E'nepa, Yanomami, Yabarana, Mapoyo/Wanai), auteur de deux dictionnaires bilingues, un livre d'alphabétisation en panaré/e'nepa, plusieurs livres sur la mythologie panare et yanomami, sur l'art de la vannerie, ainsi qu'un ensemble d'articles sur des aspects particuliers de ces langues.

Nayibe Gutiérrez Montoya

Arquitecta y doctora en Historia de América Latina por la Universidad Pablo de Olavide. Es Investigadora del Centro de Investigaciones Jauja Sobre el Área Andina, Jauja-Perú y del Equipo de investigación sobre Historia Empresarial y Desarrollo Regional de la Universidad del Magdalena, Santa Marta-Colombia. Sus principales publicaciones abordan temas vinculados con asentamientos, poblaciones, ciudades y puertos en la región Caribe, la cuenta Atlántica y la Amazonía. Ha participado en proyectos de investigación nacionales e internacionales como: “Estudios sobre esclavitud y raza...” y “El orden y sus desafíos...” del CSIC. Proyecto “Defensa y fortificaciones...” de la Universidad de Las Palmas. Y los proyectos europeos CONCHA “The construction of early modern global Cities and oceanic networks...”, y CONNECCARIBBEAN, “Connected worlds...” y proyecto EDGES “Entangling Indigenous Knowledges in Universities”. Ha sido profesora invitada en diversas universidades de América Latina, Europa, África y Asia

Pascale de Robert

Antropóloga e ecóloga, é pesquisadora titular do Institut de Recherche pour le Développement (IRD), no laboratório PALOC (Patrimônio local, meio ambiente e globalização) e docente nos cursos de pós-graduação do MNHN na França, e no PPGDS do MPEG no Brasil. Tem pesquisas em etnologia entre e com os Mebêngokrê Kayapó do Pará, e estuda metodologia de pesquisa colaborativa (museologia, cartografia), mudanças atuais nas práticas agrícolas e alimentares e mobilizações indígena e camponesa para a floresta. Coordenou o projeto COLAM sobre coleções de objetos em espaços museológicos e coleções de plantas em espaços cultivados.

Pedro Daniel dos Santos Souza

Doutor em Língua e Cultura (2019) e Mestre em Letras (2005) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL). Líder do Grupo de Pesquisa História Social da Cultura Escrita e Linguística do Brasil (HISCULTE) e Membro dos Grupos de Pesquisa Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR/UFBA) e Usos e Contextos da Língua Portuguesa (GConPort/UNEB). Desenvolve pesquisas com os seguintes temas: constituição sócio-histórica da língua portuguesa, sociolinguística histórica e sintaxe histórica do português brasileiro, história social linguística do Brasil, história social da cultura escrita e povos indígenas do Brasil, políticas linguísticas e retomada/revitalização de línguas indígenas na Bahia. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1441088776736965>.

Pedro Junger

est écologue et actuellement chercheur postdoctoral à l'Institut de Biologie de l'École Normale Supérieure (IBENS, CNRS, Paris). Il a obtenu son doctorat en écologie et ressources naturelles à l'Université Fédérale de São Carlos, São Paulo au Brésil. Au cours de son parcours, il a eu l'opportunité d'étudier une variété d'écosystèmes aquatiques, des rivières amazoniennes aux mangroves, « des lacs à l'océan ». Il collabore actuellement avec Giulia Grossmann sur le projet cinématographique *La Mémoire de la Mangrove*, une réflexion sur la convergence des savoirs des écologues et de la communauté Potiguara pour la préservation de la mangrove en tant que territoire de résilience.

Philippe Kadosch

est compositeur et sculpteur du son, puis son inspiration dans les patrimoines sonores comme d'autres explorent des paysages ou des récits ancestraux. Ses œuvres allient mélodies orientales, rythmes des Balkans et grooves brésiliens pour offrir une vision sonore singulière. Avec son *CDBabeleyes - Disappearing Languages*, et son invention : le *PixiPack : le DigiPack* en réalité augmentée *Pix'Elles Rhapsody*, Kadosch propose une immersion unique, tissant des liens profonds entre mémoire musicale et innovation, pour redécouvrir les racines sonores du monde à travers une expérience interactive inédite.

Raphaël Coliaux

est titulaire d'un doctorat en sociologie de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales (2019). Il a été chercheur postdoctoral à la Pontificia Universidad Católica del Perú (Lima), au CNRS et au Collège de France. Depuis 2014, il travaille dans le sud-est de l'Amazonie péruvienne sur les effets de la scolarisation et des regroupements démographiques contemporains au sein de diverses populations autochtones. Il poursuit actuellement des enquêtes de terrain sur le répertoire mythologique amazonien et sur la question de la distinction de genre.

Renata Freitas Machado

Anthropologue, post doctorante au sein du Centre de Politiques de la terre (CPT) et de la Cité du genre (CDG), 2023 - 2024, Université Paris Cité. Dans ses recherches en cours, elle réalise une ethnographie des femmes qui ramassent les coquillages et les crustacés. En même temps, elle cherche à comprendre comment les interactions du vivant, dans un « territoire salé », composent et transforment les paysages de la mangrove et de la forêt atlantique. Le sel, sous ses différents aspects (sel gemme, saumure, substance chimique, etc.), constitue ainsi le point de départ d'une analyse qui met en évidence les relations sources de multiples déséquilibres induits par l'activité d'une des principales entreprises transnationales de la chimie. En articulant les approches de l'anthropologie, des STS et de l'écoféminisme aux contributions de l'écologie décoloniale, elle s'intéresse à la façon dont les activités et pratiques quotidiennes s'imbriquent aux rythmes du vivant dans les mangroves. Elle mène ses terrains de recherches au Brésil et en Guinée-Bissau.

Elle a été post-doctorante IFRIS à l'UMR PALOC, MNHN (décembre 2021 – novembre 2023). Sa thèse en Anthropologie Sociale a été réalisée en 2014 – 2019 à l'Université de São Paulo, avec un stage de recherche à l'EHESS (2017-2018).

Rosilene Dias Montenegro

Professora Titular em História da Unidade Acadêmica de História, da Universidade Federal de Campina Grande, Doutora em História Social (Unicamp) e Pós-doutora em Dinâmicas territoriais do desenvolvimento e regionalizações (UFPE); Membro do Instituto Histórico de Campina Grande - IHCG. Possui experiência em gestão acadêmica-administrativa como Vice-Diretora e Diretora do CH-UFCG (2005-2013); e, Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão da UFCG (2013-2016). É líder do Grupo de Pesquisa História e Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande (2004-atual); coordenadora do "Projeto Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande" (2004-atual). Tem publicações em artigos, livros, coletâneas sobre História e Memória de Instituição de Ensino Superior; estudos de gênero, corpo e sexualidade; e, mulheres nas ciências e tecnologias.

Tatiana Mahecha

directora, guionista y realizadora de Cine y Audiovisuales, egresada de la Universidad del Magdalena en el año 2009. Realizadora y directora audiovisual y fotógrafa de la Unidad de Apropiación Social del Conocimiento, Universidad del Magdalena. Especializada en fotografía documental, trabaja para medios digitales e impresos; se destaca en publicaciones editoriales, libros y revistas. Actualmente es docente catedrática de la Universidad Sergio Arboleda en la escuela de comunicación y diseño digital, y tallerista especializada en temas relacionados con la fotografía y realización audiovisual. Entre sus trabajos se encuentran la dirección de proyectos documentales y de investigación como: Jaladora del Mar, documental ganador del festival de cine de las cajas (Cajas de compensaciones de Colombia) en la categoría mejor documental profesional, participante en la selección oficial del Festival Internacional de Cine de Cartagena de Indias (FICCI 62) en la categoría Tierra Adentro. Participó en la selección oficial en los premios de la televisión latinoamericana (TAL) en la categoría contenido educativo. Ha participado en la realización de documentales como: El Bollo tres punta "Herencia Motoquera", homenaje al maestro melcocha, y en la última serie documental sobre sincretismos religiosos y culturales del caribe colombiano entre los que contamos los trabajos: Corpus Cristi de Ataque Cesar y La promesa "el flagelante de Santo Tomás" y San Agatón.

Vanessa Brandão

é doutoranda em Estudos Literários na Unesp, na linha de pesquisa Relações Intersemióticas. É mestra em Letras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), com residência na Universidade de Foggia, na Itália. Pesquisa sobre literatura, artes e cultura indígena, a partir da obra e vida dos artistas Makuxi Jaider Esbell e Vovó Bernaldina. É pós-graduada em nível de especialização em Comunicação Social, Assessoria de Comunicação e Novas Tecnologias pela Faculdade Internacional de Curitiba (2010) e em Artes Visuais, Cultura e Criação pelo Senac Amazonas (2010). Autora do livro “Entre Pinheiros e Caimbés (2022)”, tem em sua ancestralidade materna o povo Wapichana e na paterna, os povos ribeirinhos de Parintins, da Amazônia. Faz parte do grupo de estudos GELIAC (Grupo de Estudos de Literatura Indígena, Africana e Caribenha, da UFRR; do Comitê Pró-cultura Roraima e Comitê Xapiri, que atuam no fortalecimento dos segmentos culturais do extremo norte brasileiro e na proteção e apoio ao povo Yanomami, respectivamente. Atualmente escreve o roteiro do longa-metragem “Jaider: o filme” e outros projetos no audiovisual e na literatura, sempre com a temática indígena.

Yuwey Henri

est *talâmelonin* (poétesse), *onumingadoton* (penseuse), *kalédamelonin* (écrivaine) et *owomatodon* (militante) de la Nation Kali’na Tilewuyyu (un des peuples autochtones de « Guyane Française ») et franco-brésilienne. Inspirée par la mission visionnaire et fondatrice menée par son père, le leader Paul Henri, pour les causes autochtones en « Guyane Française » dans les années 80, Yuwey s’engage dans la lutte pour l’avenir Kali’na. Elle cherche à fortifier la préservation des cultures autochtones de son territoire ancestral, qui subissent toujours les affres de la colonisation. Son travail implique une analyse socio-politique du contexte guyanais dans ses multiplicités. Abordant les concepts de droits et féminismes autochtones, ses recherches portent également sur la place des langues autochtones.

SOMMAIRE	4
PRÉSENTATION	5
APRESENTAÇÃO	6
LUNDI 25 NOVEMBRE / Segunda feira, 25 de novembro	7
Table 1 : OCARA : OBJETS (EN)QUÊTE DE (RE)CONNAISSANCE	7
Table 2 : DE SUJEITOS A AUTORES: LITERATURAS E ARTES INDÍGENAS	8
Table 3 : EDUCAÇÃO INDÍGENA, ESCOLARIZAÇÃO, EDUCAÇÃO, SABERES ANCESTRAIS E LUTAS ATUAIS	8
La mémoire de la mangrove / Memória do mangue	8
Curta metragem / court-métrage	8
O manguezal Potiguara, lugar de sustento e de encanto	9
Roda de conversa / discussion	9
MARDI 26 NOVEMBRE 2024/ Terça feira, 26 de novembro	10
Table 4 : PRÁTICAS CULTURAIS TERRITORIALIDADES E PATRIMÔNIOS	10
Table 5 : POUR UNE HISTOIRE DECOLONIALE : LEÇONS DE GUYANE	10
Table 6 : LANGUES QUI CHANTENT, INSTRUMENTS QUI PARLENT, DESSINS QUI RESONNENT	11
Table 7 : RETOMADAS: LÍNGUA, MUSEU, PATRIMÔNIO	11
INSTITUTIONS UNIVERSITAIRES, INSTITUTIONS PATRIMONIALES : PASSAGES DES SAVOIRS	11
ENCERRAMENTO - SYNTHÈSE	11
Pot de clôture	11
RÉSUMÉS / RESUMOS	12
LUNDI 25 NOVEMBRE	12
10:00 – 11:30	12
Table 1 : OCARA : Objets (en)quête de (re)connaissance	12
1. Códigos ocultos: o inconsciente dos corpos textos nas imagens dos Tupinambá – séculos XVI a XVIII	12
Codes ocultes : l’inconscient des corps-textes dans les images des Tupinambá – XVIe et XVIIe siècles	12
2 Histoire de capes et d’espées. À propos de deux objets tupinamba du musée du quai Branly	13
3 Le projet Ocara Massue, France : perspectives « éclairantes », (en)quête pour une meilleure lisibilité	13
Table 2 : DE SUJEITOS A AUTORES: LITERATURAS E ARTES INDÍGENAS	14
1 Iracema: o indigenismo na construção do imaginário no Brasil	14
2 Literaturas Macuxi, Wapichana e Wai Wai em Roraima: referências culturais que revelam os mundos desses povos indígenas	14
3 Arte e ativismo Makuxi: armadilhas criativas de Jaider Esbell, o neto de Makunaima	14
Table 3 : EDUCAÇÃO INDÍGENA E ESCOLARIZAÇÃO, EDUCAÇÃO, SABERES ANCESTRAIS E LUTAS ATUAIS	15
1 Narrativas dos professores javaé: análise dos processos educativos na educação escolar indígena na aldeia Canuanã	15
2 Educação escolar indígena no Tocantins: valorização do patrimônio imaterial indígena	16
3 Retos y usos de la escolarización en Amazonia peruana: el caso matsigenka	16
4 Oré rogwatá: A luta dos povos indígenas contra a inconstitucionalidade do Marco Temporal	17
Oré rogwatá : la lutte des peuples autochtones contre l’inconstitutionnalité du cadre temporel	17

PROJECTION	17
La mémoire de la Mangrove (Court-métrage)	17
Memórias do Mangue (Curta metragem)	17
17:40	17
Roda de conversa / discussion	17
O manguezal potiguara, lugar de sustento e de encanto	17
RÉSUMÉS – RESUMOS	18
MARDI 26 NOVEMBRE 2024	18
Table 4 : PRÁTICAS CULTURAIS, TERRITORIALIDADE E PATRIMÔNIOS	18
1 Ação, saberes indígenas, povo potiguara: novas territorialidades na relação com a natureza e a ancestralidade	18
2 Mundo indígena Krahô em Itacajá, Tocantins: suas músicas enquanto patrimônio cultural imaterial	18
3 Ação saberes indígenas e a valorização do patrimônio cultural ancestral	19
4 Preservação de sementes e técnicas de cultivo indígena dos cultivares crioulos de milho no Brasil: um patrimônio cultural transmitido e uma herança supervisionada	19
Table 5 : POUR UNE HISTOIRE DECOLONIALE : LEÇONS DE GUYANE	20
1 Retrouver sa Juste Place : <i>Kopikón wanomé</i> , pour nos Ancêtres	20
2 <i>Nana Iñonolí, Nana kinipinanon iyombo Nana isheman</i> : notre Terre, nous l’aimons et nous la voulons	21
3 <i>Énétego íwa ségalidiu sémin owañin...</i> Laissez-moi vous raconter...	21
Table 6 : Langues qui chantent, instruments qui parlent, dessins qui résonnent	21
1 Parler, chanter, charmer avec des instruments de musique	21
2 Frontières musicales	22
3 <i>Rupestres Sonoros</i> com Mawaca – Intersecções entre música e arqueologia	22
Table 7 : Retomadas: língua, museu, patrimônio	24
1 Documentação e retomada das línguas indígenas do Norte e Oeste da Bahia: caminhos percorridos	24
2 Patrimonio material, usos y abusos. Procesos para la recuperación del patrimonio material colombiano	24
3 Legado Sagrado: “El origen” costumbres y tradición. Sierra Nevada de Santa Marta	25
Synthèse – Clôture	26
Institutions universitaires, institutions patrimoniales : passages des savoirs	26
BIOGRAPHIES - BIOGRAFIAS	27
Adriana Costa Pereira	27
Ananda Machado	27
André Delpuech	27
Anne Michelin	28
Aurélie Tournié	28
Brigitte Thiérion	28
Corinne Toka-Devilliers	28
Daniel Santana Neto	29
Egídia Souto	29
Floriza Maria Sena Fernandes	29
Giulia Grosmann	30
Glicéria Tupinambá	30
Graciene Reis de Sousa	30
Jéssica Silva de Quadros (Tupinambá)	30
Joana Artur Damasceno	30
Jocyléia Santana dos Santos	31
Joëlle Le Marec	31
José Otávio Aguiar	31
Juciene Ricarte Cardoso Tarairiú	32
	38

Juliana Tupinambá	32
Julien Meyer	32
Keywa Henri	32
Magda Pucci	33
Marie-Claude Mattei Müller	33
Nayibe Gutiérrez Montoya	33
Pascale de Robert	34
Pedro Daniel dos Santos Souza	34
Pedro Junger	34
Philippe Kadosch	34
Raphaël Colliaux	34
Renata Freitas Machado	35
Rosilene Dias Montenegro	35
Tatiana Mahecha	35
Vanessa Brandão	36
Yuwey Henri	36